

JOSÉ HENRIQUES BARATA

Prof. do Liceu de Aveiro
Antigo pensionista da Junta de Educação Nacional

A OBSERVAÇÃO GEOGRÁFICA DAS PAISAGENS

GEOGRAFIA E TURISMO

bibRIA

Conferência feita, em
12 de Outubro de 1931,
na sessão solene de
reabertura das aulas
do liceu de Aveiro.

1931

Tip. Gráfica Aveirense, L.^{da}

AVEIRO

*Para o Alvaro Tompaio, colega e amigo dedicado
com um abraço do*
17908

José Barata

JOSÉ HENRIQUES BARATA

Prof. do Liceu de Aveiro
Antigo pensionista da Junta de Educação Nacional



A OBSERVAÇÃO GEOGRÁFICA DAS PAISAGENS

GEOGRAFIA E TURISMO

Conferência feita, em
12 de Outubro de 1931,
na sessão solene de
reabertura das aulas
do liceu de Aveiro.

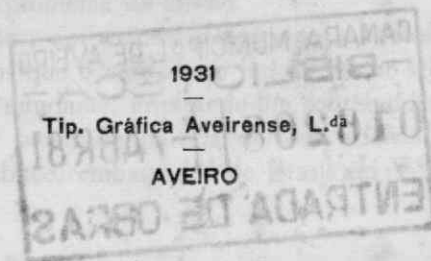
OFERTA



1931

Tip. Gráfica Aveirense, L.^{da}

AVEIRO





JOSÉ HENRIQUES BARATA

Prof. de liceu de Aveiro
Antigo pensionista da Junta de Educação Nacional

OBSERVÁRIOS GEOGRÁFICOS DOS PAÍSES

GEOGRAFIA E TURISMO

bibRIA



CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO
- BIBLIOTECA -
016208 | -7ABR81
ENTRADA DE OBRAS

Senhor Presidente,

Senhor Reitor,

Minhas senhoras e meus senhores:

Quero antes de tudo agradecer a honra que me deu o Ex.^{mo} Reitor escolhendo-me para proferir uma conferência na sessão solene de reabertura das aulas d'este liceu, no momento em que os estudantes mais velhos voltam ao ninho em que se robustece para a vida a sua energia, e os novos estudantes vêm a este mesmo ninho procurar o agasalho espiritual que lhes deve emplumar para o vôo a sua inteligência.

Seria esta a hora própria para vos falar da finalidade do ensino secundário, das suas actuais características, do espírito que o deve impregnar, da soma de benefícios que êle pode oferecer ao homem, ao cidadão, dando-lhe equilibradamente a cultura das aptidões imaginativas e o conhecimento da vida prática.

Confesso, porém, que me falta o apurado saber, a desejada competência, para versar um problema pedagógico de tal amplitude, em que se têm perdido brilhantes espíritos versados nas particularidades técnicas do problema do ensino.

Desejo apenas, aproveitando a generosa atmosfera moral que me cerca, dizer-vos que o verdadeiro fim do ensino secundário é formar o espírito do estudante, inspirando-lhe sobretudo a confiança em si mesmo, base e ponto de partida de toda a iniciativa individual.

Joaquim Nabuco, embaixador do Brasil em Washington, assi-

nalava, há tempos, como uma das mais valiosas contribuições que ao progresso humano tem dado a grande nação norte-americana, o seu racionalíssimo sistema de educação. Dizia o ilustre escritor brasileiro que nunca existiu no mundo mocidade de ambos os sexos com tão sólido preparo para a vida, porque essa mocidade era mergulhada, desde a infância, em um banho que lhe dava a força e a elasticidade do aço. E nenhum pai, concluía Joaquim Nabuco, quererá que o espírito de seu filho se assemelhe a um jardim, enquanto o seu coração pareça um rochedo entre as ondas . . .

Embora nós, latinos, estejamos longe dêste ideal magnífico, que acentuou o progresso da nação norte-americana, manda a verdade dizer-se que estamos também muito distantes do tempo em que se via na criança um autômato, uma máquina, sufocando-se nela o que há de novo, de pessoal e de distinto na sua organização.

Aos Pais que aqui trazem os seus filhos diremos com convicção que não esquecemos êste princípio absoluto: «*A criança já é um começo de homem*», procurando, através dos defeitos que ainda pesam sobre nós, derramar sobre êles *um pouco* dêste espírito educativo que já floresce por êsses liceus fora . . .

*
* *
*

Aos estudantes, e em especial aos que pela primeira vez vêm a esta Casa pelo braço amigo de seus Pais ou encarregados da sua educação, eu direi, com enternecido sentimento de fraternidade orgulhosa, que o tempo aqui vivido não será inútil nem perdido.

Nunca mais achareis na vida a alegria inocente e repousada dos anos que passardes aqui e muitas vezes sentireis o desejo de consolar a vossa saúde, tornando a viver, em apressada imaginação, a alegria criadora que no liceu doirou a vossa existência.

Reparai bem nas palavras que agora vou dizer: *Será tanto mais funda a vossa alegria quanto maior fôr o entusiasmo com que abraçardes os vossos estudos.*

O liceu não prepara eruditos, nem sábios, nem ideólogos. O seu

fim é preparar homens de pensamento e acção, capazes de empregar valiosamente em proveito da colectividade tôdas as forças vivas da sua alma e todo o pequeno arsenal de conhecimentos de que os apercebeu o estudo.

Ao sair do liceu, o rapaz cede o lugar ao homem, e na luta pela vida o triunfo deve pertencer àquele que melhor enriqueceu o espírito e fortaleceu o coração.

Com que armas entrareis na luta áspera que é a vida de hoje e será a vida de amanhã? Com os estudos que aqui fizerdes, em grande parte.

Eles serão bons elementos de combate e de triunfo. Não os desperdiceis, por inúteis ou insignificantes. Amai-os com devoção, se quereis servir e honrar a vossa própria existência e a existência fecunda e proveitosa da colectividade a que pertenceis.

E quantas, quantas matérias aqui ensinadas não terão o divino encanto de prender a vossa atenção, e despertar o vosso entusiasmo, e tornar consciente o vosso patriotismo!

A *língua materna*, para poderdes exprimir as ideias com clareza; as *matemáticas*, sem as quais não há raciocínios possíveis; a *história*, que vos dará a visão do passado; o *desenho*, que educará o sentido da vista; as ciências físicas e naturais, a geografia, o latim e as línguas estrangeiras, enfim, o conjunto harmonioso das humanidades e da cultura científica que dará os recursos mentais que vos são necessários para viver, pensar e vencer!

*

*

*

Neste conjunto harmonioso das humanidades e da cultura científica, a geografia é como que o fiel da balança, exactamente porque é a disciplina intermediária entre as ciências da natureza e as ciências do espírito.

Desta sua posição privilegiada e das qualidades próprias do seu método, resultam magníficos acordes neste concôrto de disciplinas educativas . . . , se o *tocador* sentir a *alma* da música! . . .

Pode bem ser que vos entre-olheis, surpresos da música . . . geográfica cujo valor e sentimento venho exaltar e defender. Os velhos, e alguns novos, recordarão agora alguns sons, matraqueados aos seus ouvidos indefesos, por aquela *geografia* que aprenderam no seu tempo e na sua escola, velha matrona, rabujenta e insatisfeita, que devorava os rios, os regatos, os fios de água, as serras, os montes, os vales, dêste mundo e de todos os mundos, como se fôsse a própria Gula posta nas escolas, para o sacrifício e o tormento das pobres crianças.

A geografia, então, e infelizmente ainda hoje em muitas escolas espalhadas por êsse país além, não deixava, nem poderá deixar, mais do que uma fraca e triste reputação de aborrecimento e de inutilidade, uma tradição funesta que a custo se rompe e desfaz.

A geografia era uma descrição, uma enumeração, mais ou menos pitoresca, ilustrada por cartas em que traçados caprichosos representavam as montanhas e separavam as bacias dos rios: um barquito, arrastado, com desdém, pela majestosa e opulenta *História*! . . .

E, porque ia a reboque, levava como lastro um montão de rosários em que se enfiavam os nomes dos cabos, desde o cabo das Agulhas ao cabo Horne; os nomes dos rios, desde o Pétchora na fria Rússia, ao Xingu, na quente Amazónia; os nomes das serras, desde a da Gralheira, nossa vizinha e amiga, às da Patagónia ou da Cochinchina . . .

Para suavizar a contagem apareciam, de permeio, os nomes das cidades com indicações preciosas: Dijon, pátria de Bossuet; Coimbra com a sua Universidade; Aveiro, a cidade de José Estêvão, do túmulo de Santa Joana Princesa e dos *ovos moles*; Figueira da Foz, berço de Fernandes Tomaz.

Feliz do aluno que, no seu exame de saída do curso dos liceus, fôsse capaz de descer o curso de qualquer rio muito longo, indicando, de passagem, todas as povoações que encontrasse nas duas margens!

Um livro de geografia assemelhava-se um pouco a êstes velhos cofres onde se amontoa tudo o que não tem lugar noutra parte.

Esta geografia, feita só de nomes, alguns deles bárbaros e exóticos, era *inútil*, porque o liceu não preparava *globe-trotters*, nem formava agentes comerciais encarregados de decifrar as tarifas de caminhos de ferro e as estatísticas alfandegárias.

Era *nefasta*, porque sobrecarregava demasiadamente a memória dos alunos, atrofiando-lhes as faculdades de assimilação.

Era *insípida*, porque era fria e sêca, não dando alimento ao espírito, por faltar ao esqueleto a carne e o sôpro de vida.

*

*

*

A geografia de hoje, viva, animada, descritiva e *explicativa*, com métodos e vida próprios, matou a geografia de há 30, de há 20 anos, e todos os que, por ignorância, comodismo ou cegueira, ainda hoje pertencem à velha *escola*, gosarão o pouco apetecido encanto das coisas apodrecidas.

A geografia nova não é já a *ancilla historiae*. Não descreve, nem enumera apenas: ela *explica*. Explica os países e os homens, dá vida às montanhas, aos rios e aos vales.

Estabelecida no ponto de confluência das outras ciências, no *carrefour* da cosmografia, da geologia, da física, da química, do direito, da história, a geografia constitui uma espécie de síntese das letras e das ciências, uma ciência de compreensão dos factos físicos e humanos.

Acentuemos sem perda de tempo que a geografia moderna não despreza tôda a nomenclatura de acidentes naturais, de detalhes, que constituem, por assim dizer, a sua ossatura, o seu esqueleto.

Aproveita a que na realidade tem valor geográfico, e com ela faz a descrição, *curta, precisa e objectiva*, para me servir das próprias palavras contidas nas judiciosas instruções pedagógicas anexas aos programas franceses de geografia, de 1925.

Mas a nomenclatura geográfica não podia por si só formar a essência da geografia. Saber de cor, não é saber, dizia Montaigne, e quem decorasse tôdas as palavras dum dicionário, nem por isso conneceria uma língua!

Depois de descrever, *explica*, e é neste duplo carácter — descritivo e realista, científico e filosófico —, que reside a originalidade do conhecimento geográfico. (E. De Martonne).

Se a geografia tem hoje êste doce sabor, por todos apetecido e a muitos ainda recusado, ela o deve ao seu método de trabalho.

Realmente, o seu primeiro princípio de método baseia-se na *observação*. A geografia é, por excelência, a *ciência da visão*. Faz *ver*, ensina a *ver*.

A aquisição duma boa técnica da observação deve ser o primeiro desejo de quem inicie as crianças nos princípios da geografia. Se estudar geografia, é *ver e conhecer*, depois *reflectir e compreender*, na luminosa síntese de Jean Brunhes, ensinar a *ver*, a ver bem, a observar, tal deve ser a suprema aspiração do professor.

E seria na escola primária que se deveriam fazer os primeiros ensaios da cultura da visão, dando às crianças, para lerem e examinarem, livros de geografia que fôsem coloridos de imagens sugestivas, como os têm já os rapazinhos da França, da Inglaterra, da América do Norte, etc., levando as crianças, de quando em quando, à beira do regato, à vertente do outeiro, à gare do caminho de ferro, para verem com os olhos do corpo e com os *olhos do espírito*, a variedade de formas e de côres que torna soberbo e magnífico o espectáculo da Natureza.

A criança, diz o saudável geógrafo francês Jean Brunhes, tem muito que admirar: os movimentos das águas, a marcha rápida das nuvens, a agitação da árvore sacudida pelo vento, a disciplina e o trabalho das abelhas duma colmeia, os tetos das casas, os muros que dividem os campos, os instrumentos do lavrador e do artista, ... uma variedade infinita de formas e de côres.

Observar primeiro, *reflectir* em seguida, ⁽¹⁾ eis o método de ensino geográfico que se devia impor à consciência de cada professor como uma verdade benéfica.

*

* *

Por deficiência de preparação nas Escolas do Magistério Primário, pela complexidade dos programas, pela angustiosa situação material em que se debate, por um conjunto de circunstâncias estra-

(1) Aos professores que conheçam a língua alemã recomendo a leitura dum *vademecum* da observação, do Prof. A. Penck — «*Beobachtung als Grundlage der Geographie*» (Berlim — 1906).

nhas à sua vontade, o professor primário português, salvas as honrosas excepções, considera ainda como finalidade da geografia a enumeração dos mil e um accidentes da superfície da Terra.

Quais são os professores que levam ao campo, à praia, à fábrica, ao rio, os seus melhores alunos, aqueles que recitam, sem titubear, a série dos cabos das costas da Europa, ou as ribeiras de Cabo Verde?

Quantos ensinam a ver, a observar e a reflectir, dando à geografia o seu verdadeiro carácter? *Rari nantes*, por essas escolas rurais e urbanas!

Leio numa revista pedagógica francesa, ⁽¹⁾ de 1907, as impressões dum Inspector da Academia, colhidas nas visitas feitas a várias escolas da França. Respiro uma amostra, bem elucidativa do modo como, nesse tempo, e em certas escolas, era despertado o espírito de observação das crianças.

No mês de maio de 1904, visitou o inspector uma escola primária feminina duma localidade à beira-mar. Transcrevemos as suas próprias palavras: «Lia-se, no momento em que entrava, a seguinte passagem do livro de leitura *«Tour de France»*: — *Na idade de catorze anos, Filipe de Girard tinha já inventado uma máquina para utilizar a grande força das vagas do mar.*

«A professora, acabada a leitura desta passagem, mandou ler outras, sem quaisquer explicações. A professora não sentira a necessidade de explicar estas palavras: «a grande força das vagas do mar». E para quê, na verdade? Não viam as alunas, dos bancos da escola, tódos os dias, o mar subir e descer? Não sabiam elas que a maré tem uma certa força?

«Interroguei, entretanto, as crianças, terminada que foi a leitura, sobre o que se devia entender por esta expressão — *a grande força das vagas* —, e o silêncio absoluto foi a resposta obtida. As alunas não compreendiam, porque não lhes bastava ver o mar subir e descer». Era preciso observar, reflectir, isto é, ver também com os olhos do espírito, como aconselhava Brunhes.

¿ Não será isto um *simile* do que se passa ainda hoje em muitas escolas portuguezas?

(1) *Revue Pédagogique*, 15 fev. 1907 (Paris).

Há que refazer os nossos métodos de ensino, pedindo ao professor que desenvolva e aperfeiçoe o poder de observação dos alunos, que os eduque nesta gimnástica do espírito, necessária ao harmónico desenvolvimento das suas faculdades mentais, do seu espírito de iniciativa, o alicerce resistente do bom sistema educativo.

Se eu tivesse tempo, e não cansasse a vossa generosa atenção, demoraria alguns instantes falando-vos duma obra, considerável a êste respeito, que se vem executando na Inglaterra, mercê da actividade dum grupo numeroso de professores primários. E' o estudo do meio geográfico, que a língua inglesa designa pela expressão, impossível de traduzir literalmente em português, *Regional Survey*. As crianças são postas em contacto com todos os elementos geográficos, de modo que, obedecendo à sua curiosidade natural e ao conjunto dos sentimentos que o meio lhes provoca, realizam, gradualmente, esta adaptação intelectual e prática que forma a base do *Regional Survey*.

Ao curioso destes problemas educativos, ao interessado no conhecimento das formosas ideas pedagógicas, recomendo a leitura do trabalho de Mademoiselle Mabel Barker, « *L'Utilisation du milieu géographique pour l'éducation* », que é a melhor revelação dos métodos do *Survey*. (1).

Cita-nos, Mademoiselle Barker, entre outros, o caso do professor Valentim Bell que conseguiu maravilhas dos alunos duma escola primária dum bairro pobre e sujo de Londres. Sob a direcção do professor, os alunos eram os exploradores do bairro, fazendo e utilizando observações, carreando para a escola uma interessante e valiosa documentação.

*

* * *

Já vos disse que o melhor benefício intelectual do método geográfico é ensinar a abrir bem os olhos, na atitude inteligente de quem observa e compreende.

(1) Mabel M. Barker—*L'Utilisation du milieu géographique pour l'Education*, com um apêndice sobre o *Civic Survey*, por Alasdair Gedds. Prefácio de Marcel Foucault. (Montpellier — 1926).

Este ideal esbarra, porém, com um dos grandes preconceitos sobre que assenta o nosso sistema educativo. Não vemos senão o que é anormal, extraordinário, as monstruosidades naturais. Os livros-guias das empresas de turismo convidam-nos a notar os rochedos fantásticos, as mais altas cachoeiras, os monumentos excepcionais. Cria-se assim uma mentalidade-*«guia»*, à Baedeker, que, de modo estranho, associa o belo ao raro.

Despreza-se precisamente o que é mais importante, o que é típico numa região, aquilo que desenha o grande fundo do quadro a todos os factos de detalhe: a paisagem clássica, a casa tipo, a vida profunda, a beleza íntima.

O geógrafo tem o amor destes factos vulgares e numerosos que formam a alma de cada canto da terra. Aqui, os grandes renques de árvores cercando pradarias com pequenas casas, isoladas, e encaixadas na verdura. Além, será o vasto mosaico dos campos, alongado por planícies imensas, com aldeias bem separadas, onde se agrupam os homens, os animais e as árvores.

Aqui a casa feita de adôbo, além a casa feita de madeira. A cidade industrial, ou a pequena cidade do comércio. A gare de caminho de ferro, ou o pôrto de mar, todas as paisagens com os seus traços característicos, o seu género de vida típico.

Descoberto o facto que individualiza a região, a geografia marca o seu domínio próprio, a sua *extensão*, e estuda as curiosas formas que vai apresentando na sua área.

Depois *associa*, agrupa os factos que habitualmente se ligam. Assim, a habitação humana tem o seu cortejo de associados que variam com as regiões: jardim, pátio, fumeiro, árvores.

Esta estratégia da observação é completada e controlada com o princípio de *causalidade*. Porque é que duas montanhas têm aspectos tão distintos? Qual a causa porque esta cidade prospera, e uma outra declina?

Porque é que Aveiro teve, noutros tempos, uma vida exuberante, caindo mais tarde numa apagada tristeza?

A' indagação das causas deve juntar-se sempre uma grande impressão geral, a ideia de *instabilidade* no tempo e de evolução constante sob a aparência duma fixidez quasi absoluta.

Todos vós sabeis que os grandes factos físicos e humanos têm uma longa história.

A variação dos climas é hoje incontestável: numa época geológica bem recente, a Europa tinha o clima que hoje tem a Terra Nova, e em vez das florestas, das árvores que conheceis, nada mais havia que a pobre e rasteira vegetação da *tundra*.

Pela história agitada da laguna de Aveiro, descrita com mestria por dois ilustres aveirenses, Ex.^{mas} Srs. Comandante Rocha e Cunha, (1) e Dr. Alberto Souto, (2) concluireis também que a face da Terra, que lembra, no dizer dum geógrafo, a face duma actriz, apresenta, através do tempo, sucessivas paisagens (3).

*

* *

Esta geografia dinâmica, activa, é mais do que uma matéria a aprender. Ela representa um processo de trabalho que favorece a curiosidade da criança, que desenvolve e mantém as suas faculdades criadoras, que estimula a sua reflexão.

Merece, por isso mesmo, que o ensino secundário, e em especial o ensino dos jovens, estejam impregnados largamente do saber geográfico. Do ensino passaria ao grande público, ao que viaja e busca na natureza motivos de estudo ou de contemplação.

Com claras noções de geografia e de geologia, com o treino da observação cultivada e reflectida, o turista gosaria um encantamento espiritual, forte e consciente, quando os seus olhos se abrissem para a terra em que viaja.

Quantas pessoas cultas, diante duma paisagem, se limitam a proferir interjeições apaixonadas e a recolher impressões pitorescas ?!

Quantas pessoas, viajantes profissionais, tendo percorrido o Oriente, a Índia e a China, Angola e Moçambique, o Minho ou o

(1) Comandante Rocha e Cunha — *Relance da história económica de Aveiro* (conferência realizada em 14 de junho de 1930 — Aveiro).

(2) Alberto Souto — *Origens da ria de Aveiro* (Aveiro-1923).

(3) Acrescente-se a estas duas publicações a Dissertação de doutoramento do Prof. A. de Amorim Girão «*Bacia do Vouga*» (Coimbra-1922), que é um trabalho digno da competência bem comprovada do grande geógrafo.

Algarve, nada mais trazem, na sua retina, do que detalhes insignificantes ou espectáculos inevitáveis?

Suponham V.V. Ex.^{as} um turista ilustrado, mas sem as noções indispensáveis de geologia e de geografia, abrindo apenas os *olhos do corpo*, a bordo dum avião por sobre o vasto esteiro do Vouga. Dirá simplesmente: mas isto é *belo*, é enorme! Aveiro além, S. Jacinto acolá, Mira ao sul, Espinho ao norte!

As impressões pitorescas, as interjeições apaixonadas, sem significado profundo, esbatidas hoje, desaparecidas amanhã!

Se, porém, o nosso observador tiver educação geográfica, tudo se transforma, tudo adquire vida, tudo se explica. Onde havia terra, cortada de canais e agitada pela vida do homem, vêem agora os seus *olhos do espírito* a primitiva toalha de água, agitada pelo vento, morrendo a leste, lá para as bandas de Alquerubim, Cacia, Estarreja, etc.!

E, como numa fita cinematográfica, vão-se sucedendo os diversos estádios porque passou esta região, e recebem em cheio a luz da explicação os acidentes característicos que fazem dela a região fortemente individualizada, «*que no tiene semejante en todo el litoral ibérico*». (1)

Diante duma obra de arte, da Batalha por exemplo, o viajante inteligente quer saber em que condições históricas e sociais foi construído o monumento, quais foram os seus architectos, qual é o seu *estilo*.

Assim também com as paisagens da terra, de estilos tão variados, deve succeder o mesmo.

A mentalidade, tipo Baedeker, não pode satisfazer os espíritos. Há necessidade de a remoçar, de lhe vestir outras roupagens, criando-se assim uma mentalidade turística inteligente, baseada na ciência dos factos, na compreensão das coisas.

Compete aos geógrafos transformar essa mentalidade, no ensino que vão fazendo, e nas publicações destinadas ao público que viaja para ver e observar.

A literatura turística é pobríssima, em Portugal. As descrições de paisagens não abundam. Não me refiro às descrições subjectivas,

(1) J. Dantin Cereceda — *Resumen fisiográfico de la Peninsula Ibérica*, pág. 32 (Madrid — 1912).

em que os autores analisam as qualidades de harmonia, de colorido ou de encanto das paisagens observadas, por vezes cheias de fantasia dos grandes e pequenos *Lotis*.

Essas não faltam, as outras escasseiam-nos.

Permito-me chamar a vossa esclarecida atenção para o *Guia de Portugal*, edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, que abre com uma *introdução geográfica*, bela na sua leveza, do saúdoso geógrafo Silva Teles.

Não posso esquecer também a magnífica *plaquete* de propaganda de Vouzela, editada pela Comissão de Iniciativa e Turismo, porque ela abre, felizmente, com um sucinto e claro estudo geográfico do Prof. Amorim Girão.

Se a semente lançada à terra germinasse! . . .

O turismo, na verdade, pode ser uma escola de geografia, a melhor, porque todos os elementos são escolhidos no terreno, gravando-se facilmente no espírito. Na Bélgica e na França, onde estive como pensionista da Junta de Educação Nacional, para me referir apenas aos Países em que estudei este assunto, as Sociedades de Turismo, e os seus Boletins periódicos, colaboram com os centros científicos e geográficos ⁽¹⁾.

Na França, o geógrafo Maurette publicou recentemente, visando apenas os turistas, uma iniciação geográfica que pode servir de modelo pela elegância da frase e pelo rigor científico com que está escrita ⁽²⁾.

Na Catalunha ⁽³⁾ os excursionistas agrupam-se em sociedades,

(1) O *Boletim* oficial do Touring Club da Bélgica tem publicado vários artigos onde se faz a propaganda do Turismo geográfico. Vale a pena assinalar aqui um artigo interessante do Eng. e geólogo Maurice Sluys, publicado no n.º 12 (1924) do *Boletim*, subordinado ao título expressivo «*Tourisme et géographie physique*», em que o A. incita os belgas à observação directa da natureza.

(2) F. Maurette — *Pour comprendre les paysages de la France* (ed. Hachette — Paris-1923).

(3) Regista-se com prazer o esforço criterioso já realizado pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Aveiro: elaboração de um extenso *filme* de carácter acentuadamente geográfico, em que se focam os variados aspectos da terra e do homem da Beira litoral, com legendas apropriadas do Sr. Dr. Alberto Souto. Está no prelo a edição duma monografia com características semelhantes às da monografia «*Vouzela*».

a um tempo científicas e turísticas, onde se faz o estudo das ciências naturais, para que êles possam, viajando, compreender a região que visitam.

*

*

*

Honremos a nossa tradição : os portugueses de quinhentos foram geógrafos-exploradores afamados, descobrindo e compreendendo os segredos do mar, da terra e do céu. Concedamos à geografia a devoção que ela merece, porque ela nos ajudará a sentir melhor o Belo que a Natureza nos pode dar. Pena tenho, Sr. Presidente, que a Geografia não tivesse, neste momento solene, defensor mais caloroso, e que o seu elogio seja feito por quem, como eu, não possui o raro privilégio de operar conversões.

bibRIA